TL 7026

Elaborado em Março / Abril do corrente ano / Mas permanece actualizado / foi elaborado pelo conhecimento e informação do quadro / incluindo guerrilheiro / com Fro e Prate.

SITUAÇÃO DA FRONTEIRA : o terreno, os recursos naturais, os hábitos da guerrilha, a população e o inimigo.

Serão sobre estes aspectos todos é que irei fornecer uma ideia mais completa quanto possível da realidade actual da Fronteira, a Região Autonoma nº4

1 - Separado pela cordilheira de Ramelau à Rai Buti, o Norte e o Sul apresentam características diferentes em todos os aspectos.

Até '90, base forte da guerrilha, do cordão Same/Batano à ribeira de Lomea, limitado a Norte por Ramelau/Asio, Parami/Atara à Rai Buti e a Sul pela estrada Mau Kola /Kasa e Hatudu/Bikarin, com recursos naturais abundantíssimos, vastas áreas de manobras militares das FALINTIL, o Sul apresenta hoje um estado de decadência, com o inimigo ocupando mais de 2/3 do terreno em repovoamento, hortas e zonas de pastorícia para além de posições fixas da ABRI, o Sul que antes albergava mais de 200 querrilheiros é hoje um terreno desfavorável à sobrevivência da guerrilha, mesmo ao nível de pequenos grupos de 10 a 15 querrilheiros.

Mas irei falar primeiro da cordilheira central de Ramelau à Rai Buti para avançar para o norte e recuar depois ao Sul onde irei abordar a actual realidade em contraste com a situação de há 4/5 anos atrás e as perspectivas da sobrevivência da guerrilha pouco prometedoras.

A - A CORDILHEIRA CENTRAL de Ramelau à Rai Buti: a Cordilheira é densamente arborizado pelo Sul, de Sarilau à Berbeilau com vales muito pofundas descaíndo em piques; para o SW do alto de Leilau à Rai Buti e pela encosta de Fatu Meta até Lourbá, o terreno é aberto em quase toda a extensão, terreno também bastante compartimentado com vales pouco poofundas, no alto mata densa e na encosta pequeos matos ao longo dos regatosse; da encosta de Mamelau e Kakeu Mesak é bastante arborizado que termina em forma de paredão Uskai à Kakeu Mesak.

O sopé Sul da Cordilheira é limitado a leste por Manu Tasi, a norte de Ainaro Subagolau, Nugu Fú, Fatu Mera e Mau Nunu, campos que constituem um meio anel de cerco de defesa avançada de Ainaro.

O centro da Cordilheira e o norte, é muito pedragoso e bastnte arborizado nas encostas de Ramelau, Lete Foho e Asio/Parami até Lacló. De Atara à Koli Mau Lau/Rai Buti o terreno é quase na sua totalidade descampado.

O norte da Cordilheira é pouco acidentado, com poucas excepções, a descair em elevações contíguas até estrada de Lete Foho à Haubá/Bobonaro.

A Cordilheira é, por isso mesmo uma boa porção de terreno, recortado a leste de Ramelau por Hatubuiliku e a oeste por Lourbá é, por natureza, favorável à querrilha mas sem recursos naturais de sobrevivência, exceptuando a carne que temos de veados, javalis e bois bravos pelo facto, em situações de forte batida torna-se desfavorável aos querrilheiros, essencialmente ao recurso às hortas da população pois as entradas nas encostas são estreitas, com pouco mais de um acesso, de fácil cobertura do inimigo. Basta uma companhia ou pouco menos para cobrir todos os acessos.

Mas é neste terreno é que os querrilheiros podem estar com relativa segurança e estabilidade!

B - O NORTE: Aqui não incluirei Bazartete e oeste de Dili porque são hoje de difícil acesso aos querrilheiros, muito embora tivesse ainda no passado próximo, de 79/81, uma das fortes bolsas da guerrilha. Isto porque a infiltração da guerrilha pelo oeste, a partir de Lequiçá terá que ser entre as casas da poulação; Desde de que crie condições políticas, desde que haja um apoio popular forte, podemos chegar lá, mas as actuais condições militares daqui tornam-na uma possibilidade, por enquanto remota. Também não incluirei o Oeste de Aileu e o leste de Lete Foho, Ermera e Railaku porque são zonas de acesso muito arriscado, praticamente impraticáveis pelos querrilheiros, dada as dificuldades de manobras quando fôssemos atacados pelo inimigo, com dificuldades de

recuo para a cordilheira de Ramelau onde a população é hostil, por influência de alggns traidores que até insultam o Pároco local.

A área do Norte que hoje é frequentado pelos guerrilheiros corresponde, por isso mesmo, apenas o SW de Lete Foho, o norte de Atsabe à Hatulia, Kailaku à Atabae, de Maubara, de Lequiçá à uma pequena parte de Ermera, uma faixa praticamente isenta das acções de guerrilha depois da destruição das bases de apoio.

a)- o terreno - Com poucas elevações a registar o alto de Kailaku, Atabae e Maubara, o norte é um terreno pràticamente baixo, recortado por muitas ribeiras torrênciais e caudalosas, intransponíveis algumas em altura de fortes chuvas, chegando a levar meses para baixar de caudal como é caso de Loes, Maubo, por exemplo. A de Lau Eli que é a confluência de Seloi e algumas ribeiras de Ermera/Glenu, a de Seloi e Bandeira são também extremamente perigosas e intransponíveis em alturas de chuvas contínuas, mas de pouca duração.

O norte está praticamente repovoado, ficando apenas pequenos espaços desabitados mas são ou zonas de pastorícia ou hortas abandonadas ou cafezais.

Existem, no entanto características diferentes em cada zona que importa assinalar aqui, permitindo-vos possuir, uma ideia subjectiva da realidde daqui.

a.1 - O norte de Atsabe e o SW de Lete Foho está praticamente repovoado, portanto excluido das zonas de manobras militares das FALINTIL mas constitui uma base política do apoio popular à guerrilha.

É ali que os guerrilheiros vão buscar o reabastecimento logístico oferecido pela população ou recolhido das hortas. É ali também que os guerrilheiros se refugiam nas situações de aperto do IN. em operações militares e também para desenvolver actividades militares e políticas de organização e mobilização. Ali praticamente os guerrilheiros convivem com a população, estando 5 a 15 guerrilheiros nas imediações dos campos, e às vezes em casa conforme as circunstâncias.

A população está dispersa nas suas Knuas e isso garente e assegura aos guerrilheiros abastecimento logístico e esconderijo ou refúgio a os trabalhos políticos de organizaçãs e mobilizaçãs?

a.2 - KAILAKU. Kailaku compreende a parte alta/montanha e a parte baixa/planície, vulgarmente chamado por Kailaku "foho" e Kailaku "tetuk".

O alto de Kailaku é pouco espaçoso; o terreno é do tamanho de Bibileo, com densa vegetação, bastante arborizado e desabitado e sem recursos naturais de sobrevivência. Tem poucas nascentes, a contar mesmo pelos dedos de um palmo da mão está rodeado por vários campos, formando um verdadeiro anel de cerco em sua volta, campos esses que distam do sopé há quinhentos metros, o máximo, pelo leste, norte e sul e há um km a mais pelo oeste.

No norte temos os campos de Foe Rema, situado no vale de Leo Laku e Lesu Luli e posto antigo, a leste temos os sucos de Guenu Lai, Goulolo e Atudara, SE e Sul por, Rai-Heu e a estrada de Maliana/Bobonaro com os campos ali localizados: Maganuto, Odo Mau e Rita Bou, todos campos de Maliana e o oeste pelos campos de Manapa e Meligu.

Terreno bastante acidentado no leste, sul Sw com poucas elevações no oeste e norte, é favorável às manobras militares da guerrilha, zona de combate e refúgio, albergando uma companhia de guerrilheiros em situações normais mas com dificuldades de manobras em situações de batidas do IN., pois a nossa retirada terá que ser necessàriamente feita entre as aldeias das ponulações e mesmo entre as casas, podendo ser efectuadas só a noite.

A parte baixa é separada da parte alta pelos campos de Meligu, Da Udu Guenu Lai, ela compreende todo o Hedalau até Bili Mau. É porção de terreno do tamanho de Lekilolo aproximadamente, com uns 5 kms de largura e 8 a 9 kms de cumprimento, está limitado a oeste pela ribeira de Marobo, a norte pela estrada de Bili Mau à Marco (posto novo), à oeste pelos campos dos sucos de Purugua e Meligu e a sul por Da Udu e Guenu Lai.

É zona de pastagem de gado, terreno coberto de palvoal, seco no verão, com vegetação fraca, descampado ou semi-descampado no verão quando o fogo queima o campim, tem poucas nascentes. É, no entanto, bastante ondulado e recortado por muitos regatos secos

e pouco profundos e não possui recursos naturais, Existem alguns pés de Kombili, mas próximos das hortas. Há muito "leupata" no oeste, mas próximo das populações.

O terreno é favorável às nossas manobras, zonas de combate e de circulação diurna, Daqui se pode movimentar para Hatulia, Fatu Besi, Maubara e Atsabe.

Voltando ainda a parte alta, temos a considerar ainda pequenos espaços situados entre campos e hortas, não habitadas, de Guenu Lai a Da Udu, de Watu Dara a Rai Heu, e daqui à Marobo onde os guerrilheiros podem refugiar ao nível de 5 a 10 elementos. No eixo existem passagem para Saburai e Taroman mas estão por explorar assim como do oeste podemos infiltrar para Balibó, por Maliana/Korluli. No ano passado tentou-se ir para lá mas dificuldades de última hora, (falta de coordenação com os patriotas de Balibó, por falha de contacto) não conseguiu ir. No entanto continua a figurar na agenda das preocupações, por dois objectivos fundamentais: alargamento da nossa presença militar e recuperação de condições militares e políticas. Existem mínimas condições para o efeito e continuamos evidando esforços nesse sentido.

Em todo o Kailaku só podemos viver do apoio popular em logística, sem a qual são poucas as capacidades de sobrevivência. Aliás, isto é uma situação geral que se vive aqui no Norte com poucas excepções, com particular incidência para Atabae e Fatu Besi.

De resto em quase dois anos da minha presença cá, a nossa experiência é esta: vivemos basicamente do apoio popular em logístico e nalgumas ou em várias circunstâncias por nós comprados.

a.3 - Atabae, Dada a sua localização a oeste da ribeira de Bebai, praticamente intransponível em tempos de chuvas, a partir de Janeiro até Maio cheio de jacarés, é uma zona que só pode ser frenquentada pela guerrilha a partir de finais de Maio ou mesmo até somente Dezembro como aconteceu neste ano.

O terreno não está totalmente reconhecido pelos guerrilheiros, aliás, apenas estivemos na parte sul do monte Fatuk Bikarin, lugar onde morreu o "famoso" Arbiru nas campanhas de pacificação e no sul do alto Ga'a Plão. O terreno do Sul é bastante acidentado mas, densamente camuflado. Mato grosso, palapeiras e muitíssimo "susai", fechado e de difícil circulação até de animais.

A população vive em aldeamentos concentrados nas margens das ribeiras, no litoral e no alto, deixando muito terreno baldio, favorável à presença da guerrilha.

Mas embora a população, as que estão viradas para Kailaku Aidaba Laletek e do interior nos apoiasse, é fraca a consciência patriótica pois a maior parte sempre fixou nas vilas e campos quando Atabae foi tomada pelas forças indonésias. Mas isto não é razão forte pois a população de Marobo/Bobonaro, Rai Heu/Kailaku, Batu Manu e Laçio de Atsabe e Koli Manu Lau de Haubá/Bobonaro que também passaram na mesma situação apoiam hoje exemplarmente os Guerrilheiros, participando na luta em tudo quanto pode.

Cremos que o factor de comunicação, o dialecto, o conhecimento dos hábites e manifestações populares das suas tradições constituem factores que não podemos minimizar, pois o princípio de partirmos dos interesses imediatos para levarmos as massas para defender os seus interesses nacionais constitui a nossa linha de conduta. Mas a falta de guerrilheiros naturais, um dos factores de confiança, é um problema fundamental. Isso exige que tenhamos guerrilheiros naturais dali. Há condições para fazermos sair alguns, no mínimo 5 elementos. Há muitos jovens dispostos a sair e já foram dadas as orientações nesse sentido.

Atabae é, para já, uma direcção preferida das nossas operaçoes militares. Daremos como prioridade a preparação de condições políticas e reconhecimento do terreno, na 1ª fase!

a.4 - HATULIA. A zona de Hatulia pode ser dividida em três faixas que importa conhecer. A parte sul, a parte central e a parte norte. O sul compreende a faixa do terreno situado entre Hatulia vila/ Samara à norte, Samara à Leimeia Kraik à oeste, Leimeia Kraik/ Bemanas, Boro Lau à sul, e Hau Hei/Talo à leste, área do tamanho correspondente a faixa de Lekilolo, sopé leste de Babileo à Krarás. Esta faixa é conhecida por Bemanas, com muita vegetação sem população, melhor dito, sem campos da população e hortas, terreno onde o ini

migo incide
a sua maior atenção por ser muito frequentado pelos guerrilheiros.

É terreno bastante favorável às manobras militares da guerrilha, favorável às operações militares, nos movimentos diúrnos e nocturnos das nossas forças. De finais de '91 a '92 havia nas hortas abandonadas muito comer, mandioca, milho etc. mas foi destruido pelo IN.. Hoje praticamente não exite nada, havendo animais para caça.

Existe muito "kulu zaka" das plantações da antiga sociedade/Talo, mas corre-se muitos riscos ir buscá-los na medida em que é muito frequentado pela população, constantemente pelos" keamanan " da plantação e por TNI que ocupam normalmente o Talo.
vigiado

A faixa central compreende a vila de Hatulia, Samara, Manu Sabe, Fatu Bolu, Fatu Besi de cima, Liça Pat e Urahou, que é faixa de difícil circulação do guerrilheiros, dado os aglomerados populacionais, a hostilidade da população que refugiou em Atambua na altura do contra-golpe, as fracas condições políticas e as plantações do café privado das populações.

É no entanto, uma zona de passagem tanto dos guerrilheiros como nossa, para as direcções importantes de actividades, (penso que entendeis...sim...?)

A faixa norte compreende toda a parte baixa de Fatu Besi, até a ribeira de Lau Eli, parte de Mau Ubu, Rai Mate e Saré.

O terreno é bastante arborizado, quase na sua totalidade plantação de café, com poucas elevações, densamente povoado pela população em aldeamentos disperso e hortas mas a população com forte espírito de patriotico e de luta, participando activamente na resistência, dando apoio em tudo à guerrilha, comer, refúgio e segurança, informação e conduzindo em certos casos, os guerrilheiros entre os postos do IN, em batidas ou em deslocação de uma faixa para outra faixa etc.

Aqui praticamente, o guerrilheiro vive diluido entre a população e o exército invasor sabe que em qualquer altura o seu corpo poderá cair no chão fulminado por uma bala dos "GPK" diluido no seio das massas. Temos a experiência dessa realidade e a população tem provado determinação, firmeza e espírito de decisão e continue provando!

O terreno é, por conseguinte, muito favorável aos movimentos da guerrilha mesmo em situações de forte aperto do IN. Os guerrilheiros podem auto-abastecer-se sem fazer recurso ao apoio directo da população como se faz em várias partes da Sub-Região do Sul, indo buscar comer às hortas da população onde existe comer em abundância.

É, por conseguinte, a nossa "base de apoio", a base de apoio em todo o sentido da palavra.

a.5 - Lequiçá e Maubara.

5.a - Lequiçá. A área da jurisdição do posto/Sede do Concelho de Lequiçá está praticamente totalmente repovoado. Apenas na parte Sul, no sul do suco de Leo Telá, de Bani Tur e Pabo'o passando pelo sopé da colina de Gariana/Maubara à Faulara não está repovoado, existindo uma e outra horta entre os regatos, mas é uma zona de postorícia.

Esta parte liga a planície de Maubara/Watubou até Loes, fazendo uma zona bastante vasta e desabitada.

O terreno tem caracteristicas similares das zonas adjacentes às áreas de planície de Akadiru Matou, bastante ondulado e compartimentado por inúmeros regatos secos, áridos no verão, sem água ou com poucos "oases" no seio do palvoal e bambús bravos ao longo dos regatos, com chão coberto de capim fraco e raquítico; no verão o terreno é totalmente descampado quando o fogo consome o capim, portanto permite uma vigibilidade razoável mesmo a longa distância e que se torna ingrata à presença da guerrilha.

Contudo dada a extensão do terreno, a sua própria configuração/ondulado em toda a sua extensão, oculta em certa medida a vigibilidade e favorece também certa medida a movitação da guerrilha de dia, já que a"noite é fiel amiga dos insurrectos".

Entretanto mais de dois terços do terreno ainda não está reconhecido. Refiro-me a área circundante de Loes.

Não possui recursos naturais de sobrevivência da querrilha. Tem "leupata" mas em primeiro lugar o pessoal tanto do Norte como do Sul e os ditos veteranos, os sobreviventes de Haksolok, não estão ainda habituados a comer isso para além de que o seu derrube chama muita atenção da população que vem pastar as suas manadas.

A parte da montanha, a partir de Kaitukulua à Matukesi, de Asmanu à vila de Lequiçá, o terreno está, como dizia, praticamente despovoado em aldeamentos dispersos ao nível de Knuas ou individualmente e espalhados pelos cafezais, cada um ocupando as suas terras, os seus " quintal ".

É de difícil acesso da guerrilha quando não houver um forte apoio popular. Quando me refiro "acesso da guerrilha", quero dizer presença das FALINTIL em acções armadas já que a presença política de organização e mobilização tem sido nossa prática quotidiana, mesmo depois do massacre de Gariana/Babo'o. Segue também uma carta do vice-sec. da Região - ODIR de Lequiçá e também uma carta do assistente Raikutu (aquele que por razões de saúde esteve em casa da população e que fora cercado pelo IN. acção que resultou no massacre) para o vosso conhecimento.

O terreno é um bocado acidentado, coberto de cafezais, portanto densamente arborizado mas, dada a existência de aldeamentos dispersos em Knuas, a movimentação da guerrilha pode ser nocturna e entre as casas da população.

5.b - Maubara. A zona de Maubara compreende a parte baixa do sul, que vai desde a planície de Faulara à Loes/ponte, a montanha e as zonas do litoral norte.

A parte baixa do sul é a que já atrás fizemos a descrição, portanto é escusado repetirmos.

A parte da montanha é densamente povoada em aldeamentos concentrados ao nível de antigas povoações. Este facto dá lugar a existência de faixas de terreno baldio, desabitados e favorável à presença da querrilha, tanto para refúgio como para operações militares.

O norte a descair para o mar em despique é praticamente um terreno ainda por atingir ..., mas é uma zona escolhida para operações militares das FALINTIL. O nosso objectivo é atingir o Watu Boro, mas até lá teremos que criar condições políticas e consolidá-las.

Praticamente a zona de Maubara só ainda temos uma parte do terreno já reconhecido, um terço e meio. Temos que reconhecer ainda o resto.

Existem condições políticas favoráveis, muito embora a sua população fosse um bocado tímida, receosa, mas firme e activa quando já está familiarizado com a guerrilha.

A população tem uma particularidade que a distingue das outras zonas. Elas estão de certa forma influênciados pelo tradicionalismo feudal. Como tal, muito submisso, vai por onde o seu Dom, o seu Liurai o seu "Kepala Kampong" vai, É, no entanto, uma população que tem muito medo dos "TENTARAS", não tem confiança nos Apiras baioneta indonésia, refiro-me essecialmente a população da montanha. Estas quando se encontram com os TNI armados fogem deles, escondem-se, quando vão as suas hortas/os seus cafezais ou a pastar o seu gado. Isso faz-nos recordar o período colonial Português quando a "tropa vai ao combate" a população foge dela. Autêntico!

Por esses factos, temos utilizado como método fundamental para atingir as massas populares a conquista, primeiro, das autoridades. E isso tem-nos assegurado sucessos.

b. A - População - De um modo geral, a população da Fronteira Norte tem um forte espírito patriótico, uma enorme consciência da luta.

Este deveu-se aos trabalhos políticos das bases de apoio, a vivência de uma vida totalmente desigual com a que se vive hoje nas vilas, a ausência de acções de querrilha a que permitiu ao IN. impôr um sistema de escravização e servilismo, aos trabalhos da consciencialização desenvolvido pelo clero, padres e madres que por aqui passaram ou continuam permanecendo cá, do trabalho desenvolvido pelo nosso Líder Máximo e pelo esfor

ço dos quadros da clandestinidade nas diversas Regiões/Concelhos administrativos.

A presença da guerrilha, a partir dos levantamentos de 1991 foi outro factor importante. A população veio buscar na presença da guerrilha, esperança do porvir, inspiração na luta, fé na vitória, alento moral e vigor patriótico, coragem e determinação para o combate; a população vê na figura dos guerrilheiros a certeza de que o seu ódio contra o ocupante se expressará no fogo das armas do seu braço armado, cujas balas fulminarão o corpo dos assassinos que tombarão sobre o seu solo pátrio e, terão vingando desta forma, os seus heróis tombados. Pelo facto, a população apoia activamente à guerrilha.

A nossa presença foi um factor complementar. Coube-nos apenas a tarefa de melhorar a participação popular na luta, organizando-as segundo as condições específicas de cada Direcção concreta de actividades. No capítulo "Experiência políticas orientações políticas" apresentaremos mais pormenores. (foi alterado).

No plano específico, a participação popular varia de zona para zona. Por exemplo a população de Kailaku é, por tradição, uma população de largas tradições guerreiras, bastante activa na luta, mas tem poucos recursos. É uma população pobre! Refiro-me a população de mon-fauche.

A de Ermera, Hatulia e Fatu Besi é uma população muito abastada, e muito unida. Dificilmente se denunciam mesmo submetido a torturas físicas. Apoia activamente a guerrilha no plano logístico, segurança e refúgio.

A população "KEMAK", que abrange todo o Kailaku, parte de Hatulia, Atabae, Marobo, Maliana e Atsabe tem uma característica comum: entende-se mais com o pessoal que fala dialecto e quando defendem um dado "princípio" são firmes, determinados a aceitar todas as consequências.

Parte da população de Atabae, Haubá e Marobo, de Bobonaro, parte do suco de Rai Heu de Kailaku e grande parte da população de Atabae, sempre esteve com o inimigo, experimentando, desde a primeira hora, a natureza sinistra, criminosa e assassina do regime indonésio e hoje desprezam-no com toda a alma.

Toda a população está habituada a viver nos seus Knuas, a ter uma vida mais ou menos já organizada e isso poderá ser um factor negativo para a guerrilha quando as nossas acções armadas vierem a pôr em causa "esta estabilidade" e os seus interesses imediatos.

A ter em conta esta situação desfavorável é que nos trabalhos políticos temos esclarecido com clareza os riscos que a nossa acção armada irá poduzir: capturas maus tratos, abandono das hortas e Knuas, lágrimas e mortes. Temos procurado educar as massas a ter os cuidados necessários a fim de evitar males desnecessários. E o nosso trabalho parece ter dado os efeitos desejados por nós.

Não posso, a partir de factos isolados, afirmar taxativamente que as massas compreenderam o sentido das nossas afirmações e estão aceitando-as. Mas existem factos que nos levam a pensar que o que fizemos produziu os resultados desejados por nós.

O massacre de Pabo'o e o contínuo apoio à querilha é um facto que confirma a assunção dos nossos esclarecimentos.

A traição em Kailaku, nos finais de Janeiro, onde tombaram o Sunu Moris mais uns outros guerrilheiros, foi produto dos erros nossos. O facto apesar de ter sido localizado nos campos de Rai Heu e Atu Dara, com consequências muito negativas à população, a maioria mantem-se activa e apoiando continuamente os guerrilheiros.

De Atabae, depois de uma denúncia de um agente da Intel, cerca de duzentos e tal jovens e elementos populares foram torturados e as raparigas despidas, mas mantem-se firmes na luta.

Quando fomos atacados em Maubara e Lequiçá, em todo o lado a população se auto-organizava para irem buscar-nos pelos meios que dispõem. Mesmo na altura do massacre do Pabo'o e sob o fogo do IN, dois elementos da população ainda coduziram o guerrilheiro atacado para junto de outros dois guerrilheiros que se separaram de nós na altura do combate de Gariana, por imposição do IN.

São factos animadores que nos convencem que o nosso Povo não se capitulará ante as dificuldades e que prosseguirá o seu combate até a libertação da sua Pátria ocupada.

c - O INIMIGO

Aqui no Norte as operações das forças IN. ainda é de escala reduzida se compararmos as Regiões centrais ou mesmo o sul desta Região.

Isso deve-se fundamentalmente a fraca actividade militar da guerrilha pelas fracas condições materiais que possuímos.

Sòmente em Janeiro deste ano para cá, depois que a minha presença foi descoberta e com o combate travado em Gariana, o inimigo operou sobre a faixa com cerca de 4 batalhões aproximadamente, operando em toda a área do Norte frequentado pelos guerrilheiros simultaneamente, com duração de quase um mês e meio consecutivamente, batendo as áreas frequentadas pelos guerrilheiros e também nas linhas divisórias e nas retaguardas das suas linhas defensivas.

Até então as operações militares do IN. eram pouco intensas, com excepção da realizada [illegible] em Setembro sobre Fatu Besi na qual o IN. utilizou canhões e carros de assalto.

O IN. até aqui ainda não obteve sucessos consideráveis e torna-se difícil quando a população não o colabora. É imprescíndivel que asseguremos o apoio popular à guerrilha para negarmos ao IN maiores sucessos.

O IN. tem utilizado muito nesses últimos tempos os "NINJAS" mas a sua acção redondou em fracasso. Muitos elementos dos "NINJAS" foram eliminados a conta da população e o próprio IN. sente o fracasso da sua acção.

Não podemos prever novos repovoamentos em novas zonas ou nas actuais zonas frequentadas pela guerrilha que são, afinal, as zonas periféricas dos campos e hortas e as áreas de pastagem de gado.

O muito que o IN. tentará fazer é cortar o apoio popular à guerrilha mas pelos vistos, é obra difícil como é difícil matar a consciência patriótica do nosso Povo.

Mas é imprescíndivel estudarmos sempre os esforços dos nosos advesários para lhes negarmos maiores sucessos sobre nós.

Nota: No outro documento complementar, apresento outro aspecto sobre "A guerrilha no Fro-Norte e a Resposta do IN. à Subversão" - Nov: /95

A SITUAÇÃO DO SUL - HAKSOLOK.

A situação do Sul ou da Sub-Região Sul que antes correspondia a faixa do terreno situado entre o cordão Fleixa/Same/Betano, à leste, à cordilheira do Ramelau pelo norte, de Hatudu à Zumalai pelo sul e Lourbá, a ribeira de Lomea pelo oeste e onde actuavam cerca de 300 e tal guerrilheiros e quase 120 armas até 1985, hoje compreende pouco menos de um terço do terreno mencionado, sobrevivendo apenas 15 guerrilheiros e 6 armas até 93/94.

A faixa oeste que correspondia toda a área de Nalop e toda a área de Gouqua, Mape e ainda a faixa norte de Mau Nunu/Mau Suka, Aslaran, [illegible] área de Mamelau, está totalmente repovoado e o posto antigo de Kasa ocupado por uma posição fixa dos TNI.

Além disso, as hortas dos campos de Salasa, Aslaran, de Zumalai atingem o alto de Tupa, e descai para Rungu-Ranga e Leo Golo com as varzeas abandonadas já lavradas, enquanto que à sudoeste, as hortas de Unil atingem mais de 5kms para o interior das zonas anteriormente frequentadas pela guerrilha.

À leste, ao longo do troço Ainaro/Faulata, à localidade de Aimalálu está repovoada com dois postos de segurança do TNI, um a norte de Lespiate e outro no sul, em Tauk Rema e a planície de Tauk Rema ocupada de varzeas.

A parte leste de Haksolok, que compreende a faixa situada entre Manu Tasi/Soro/Suro Kraik à Raibere, pelo oeste de Beikala /Hatudu à pelo Sul tem mais de terços de terreno ocupado ou por campos ou por hortas ou ainda servindo de zona de pastorícia. A leste temos os campos de Ratutu e Dai Sua com a sua população ocupando os seus antigos Knuas e hortas. A SE, temos as hortas de Turon apanhando o monte de Manu Fahi, a planície de Hatras repovoado por um de Gorotu, Banderudo ocupado de hortas, varzeas e campo(?), as hortas de Lesu atingem as proximidades de Sobulo e as de Dolfil, área de Bunaria, Tabele e a encosta oeste de Manu Té (bastante íngrime, com vales muito profundos e terreno de difícil movimentação) e ainda o monte de Kablake.

*** - de Hatudu apanham Nahal deixando apenas pequenas bolsas em Aitalik, Betulau, e a parte leste

Praticamente o leste de Haksolok só tem o monte Kablake pois as bolsas referidas são frequentadas pelos caçadores armados, pela população e servindo de zonas de pastagem de animais ou ainda zonas de ligação entre campos próximos.

Os recursos naturais estão a desaparecer. O " kombili " de Nalop, os cocos, " ku lu Zaka " de Gougua, Mape, Ula e Tupa passaram ao controle da população. Nas áreas de Mamelau existem "tua dikin" e sagueiros mas não se pode cortar dado o movimento constante da população e das forças inimigas ou em patrulhamentos, caça ou em operações de contra-guerrilha e de envegadura.

O único recurso é a vila e os campos, isto é, ou vamos buscar comer às hortas da população constantemente emboscadas ou a ponulação nos fornece ou ainda adquirimos com o nosso dinheiro.

Portanto, de um baluarte forte da guerrilha tanto pela extenção do terreno como pela abundância de recursos naturais de sobrevivência da guerrilha como ainda pelo número de homens e armas, a Região Haksolok é hoje uma base de guerrilha em extinção, permanecendo apenas o apoio popular de que continuamos a desfrutar.

Quanto o apoio popular, deve considerar aqui duas situações muito distintas e podemos dividir a ex-região em duas zonas específicas: a zona de Mambae que é Ainaro à Same, tanto a população da faixa leste e uma parte da população de Bunak (as de Kasa e Hatudu) e a zona de Bunak que apanha todo o oeste, Harekain, Zumalai; de Unil, Aslaran, Salasa, Mape à Gougua e toda a região de Bobonaro e Lolotoe.

A população da zona de Mambae é a que dá mais apoio aos querrilheiros pelos seguintes factores:

- Toda a zona de Mambae é zona de que são filhos os guerrilheiros e portanto muito familiarizados com a guerrilha.
- Zona de permanente frequência da guerrilha, desde a destruição das bases de apoio até aos nosses dias;
- População com muitos familiares no mato com muita assistência política da RA.
- População que para além do dialecto, fala o tetun e portanto, de fácil contacto com os guerrilheiros pela facilidade de comunicação;
- População com muita experiência de luta política clandestina, tendo dado forte apoio aos guerrilheiros, mesmo no período antes da reorganização nacional e a população históricamente guerreira, patriota, pois a luta independentista de 1912, liderada por D. Boaventura permanece viva na consciência.
- e, finalmente é a população que logo depois da reorganização nacional, deu guarida aos guerrilheiros, mesmo à nível de companhias, temos os casos de Hola Rua, Dare, Mauchina e Ratutu.

A população da zona de Bunak é população , na sua generalidade, considerada "hostil" ou indiferentes pelos seguintes factores:

- Durante os dois anos das bases de apoio, pouca assistência política recebeu;
- As práticas machistas que por cá passaram, em particular, a do saudoso Laka e métodos errados de trabalho e de direcção levaram as massas a não fazerem muita distrinça com as do IN;
- Depois da destruição das bases de apoio pouco ou nenhum contacto teve com os guerrilheiros;
- Não há guerrilheiros naturais da zona ou havia poucos, como o saudoso Nahak e uns 3 ou 4 querrilheiros, mas métodos incorrectos de trabalho, indsiciplinas e aventureirismos resultaram em actos de traição de que sofreu o grupo do saudoso Nahak em Anapal e para a qual mereceu como resposta, a violência das nossas armas fazendo "justiça", aterrorizou a população que por natureza é tímida, medrosa e de difícil comunicação porque

** pelo oeste, os campos de Leo Telo, Mauchiga e Leubate, pelo Norte, Leubate, Same, Sinpanhigo,

não sabem falar o tétun.

É, portanto, a população que práticamente não temos trabalhos políticos junto dela actualmente porque:

- em primeiro lugar, não conhecemos a população favorável e o seu dialecto;
- em segundo lugar, porque não possuímos armas que cheguem para cobrir as direcções de trabalho.

Estamos já criando condições através da direcção regional de Suai e da zona de Zumalai para aproximarmos a população de Mape e Gougua mas é, por enquanto, ainda difícil.

Quero esclarecer também aqui um facto. O irmão Ruak foca muito sobre a hostilidade da população desta Região, a ex-Haksolok no seu Relatório, buscando-a como a causa ou das causas da exterminação das FALINTIL ou dos guerrilheiros daqui, o que não responde a verdadeira realidade, por falta de informação correcta da nossa parte.

A exterminação dos guerrilheiros desta região nos anos 90/91 era resultado da enorme envergadura dos efctivos do IN., 12 batalhões completos de TNI apoiados com os "Tim" de Baucau, Kelikai e Lospalos, dos "Tentara Baru - Tiga bulan" e das forças regionais de segurança, totalizando cerca de 18 batalhões, empenhadas a capturar vivo ou morto o Cmdt-das-FALINTIL e das difíceis condições de sobrevivência que a cordilheira de Ramelau fornece, situação essa que já fizemos referência atrás e ainda por causa de indisciplina dos guerrilheiros.

Se a população fosse hostil, era já naquela altura que o Cmdt-das-FALINTIL teria sido morto ou capturado vivo. Quero recordar também que foi a população que apesar de enorme número de TNI em operação conseguiu conduzir o Cmdt-das-FALINTIL entre as posições do IN, e corajosamente escondê-lo em casa. Foi também a população que conseguiu conduzir cerca de um pelotão de guerrilheiros em Suro Lolo entre as posições do IN para Mamelau.

Sim, não se nega que elementos da população tivessem pensado em actos de traição ou tivessem traido os nossos guerrilheiros, mas naquela situação de forte aperto do IN. a população mostrou-se valente, talvés mesmo mais responsável e corajosa que muitos de nós, os guerrilheiros.

A captura de Ma'Huno foi culpa própria. Ele próprio aceitou a sua captura. Sobre isso penso ter-vos apresentado já a situação.

Depois da captura do Ma'Huno, houve um grande esforço do IN. de transformar a população desfavorável à guerrilha. Muita actividade da INTEL estava projectada, muito esforço da INTEL estava patente e naqueles primeiros momentos depois da captura sucessiva dos nossos líderes máximos e na sequência da repressão do IN que se seguiu à captura do Búkar (deve-se recordar que XG, Ma'Huno e eu, nós todos ou a nossa presença aqui teve consequências na população e a hesitação, o medo, a dualidade de posições são perfeitamente compreensíveis).

Mas apesar disso tudo, se não fosse o apoio popular, posso assegurar a todos que estávamos condenados à morte e a exterminação total não é para vos impressionar, mas depois da captura do Búkar, eu estava escondido na vila de Ainaro e assegurado por agentes especiais da INTEL.

E a população de todo o lado nos pedia para não nos rendermos, para continuarmos a resistir.

A intensa actividade da INTEL que me referí nos documentos anteriores fundamentava-se na situação que se seguiu à captura do Búkar e outras lançadas do oeste, da zona de RUNAK a parte de Kemak cuja intensidade nos colocava em constantes sobressaltos, mesmo nas nossas zonas.

Apesar da exterminação a que sofremos da qual o inimigo é profundamente conhecedor, as operações militares do IN. sobre a faixa de Mamelau continuam

intensas e ininterruptas. Mais intensas que no Norte, apesar da evasão de mais de 80 e tal guerrilheiros, não incluindo os jovens que estão no "esconde-esconde".

Entretanto, o Sul continua a ser zona da importância vital para a guerrilha, zona de fácil acesso da guerrilha, zona de recuo do Norte em operações de envergadura do IN. e para as nossas manobras militares, zona de ligação via mato com os centros, etc.

É tudo quanto tenho a apresentar sobre a situação desta região, proporcionando-vos assim um conhecimento mais objectivo da realidade desta nossa Região Autónoma de Guerrilha nº4.

Pr VL